

COSTA, Victor. **Agenda para uma pesquisa em arte**. Campinas: Unicamp. Programa de pós-graduação em artes da cena - IA (pesquisador); mestrado; orientadora: Maria Claudia Guimarães.

RESUMO

Há dez anos mais ou menos tenho trabalhado com processos de criação, produção e comunicação de arte. Com dança, teatro e performance, sobretudo. Nesse cenário, tenho convivido com práticas curatoriais que operam como colaboradoras do aparecimento do fenômeno cênico. A noção de colaboração da cena (em que a curadoria é vista como possibilidade de articular simultaneamente diferentes aspectos do sistema da arte contemporânea: discursos críticos relacionados à política e à produção cultural, engajamento social, história da arte e dramaturgia) está na dissertação *Por uma prática curatorial mediadora e colaborativa em artes cênicas*, do pesquisador e diretor Felipe Assis (de 2015, pelo Programa de Artes Cênicas da UFBA). Felipe propõe entender a prática curatorial, lato sensu, envolta de uma complexa gama de relações e de agenciamentos que atravessam tanto o processo de criação quanto o de recepção dos trabalhos cênicos. A curadoria colabora com a cena na medida em que ela negocia categorias como contexto, acontecimento, encontro, empatia. Proponho aqui uma aproximação da presente escrita com essas categorias. Declaradamente a do acontecimento.

Palavras-chave: Presença. Acontecimento. Contemporaneidade. Performatividade.

ABSTRACT

For ten years or so I have been working with art creation, production and communication processes. With dance, theater and performance. In this scenario, I have been living with curatorial practices that operate as collaborators of the appearance of the scenic phenomenon. The notion of collaboration of the scene (in which curatorship is seen as the possibility of simultaneously articulating different aspects of the contemporary art system: critical discourses related to politics and cultural production, social engagement, art history and dramaturgy) For a mediatorial and collaborative curatorial practice in scenes arts, by researcher and director Felipe Assis (from 2015, by the Program of Performing Arts of UFBA). Felipe proposes to understand the curatorial practice, lato sensu, surrounded by a complex range of relationships and assemblages that cross both the process of creation and the reception of the scenic works. The curator collaborates with the scene insofar as it negotiates categories such as context, event, encounter, empathy. I propose here an approximation of the present writing with these categories. Declared the event.

Keywords: Presence. Event. Contemporaneity. Performativity.

1º de janeiro de 2019

Todos nós nos identificamos com a solidão da fera, que não ataca por maldade. Mas porque deve. O Brasil de 2019. Embrulho-enigma de tudo, Jair Bolsonaro é o presidente da República. Marina Tsvetaeva, uma poeta russa,

escreveu: ser contemporâneo é criar o próprio tempo, e não só refleti-lo. Refletí-lo, sim; mas não como um espelho, antes como um escudo. Agora, ninguém por perto. Escrevo só. Eu-contemporâneo, companheiro de passagem. Sem leme. Sem fardo. Lastro, âncora. Corpo. Então que se possa potencializar o estatuto pensante do corpo, diante dessas facas de plástico, dos gestos que empunham arminhas. Das pastilhas do prédio do outro lado da avenida central. O fascínio pela vida se iguala ao da víbora pela sua presa, inescapável.

22 de janeiro de 2019

O filósofo italiano Giorgio Agamben publicou um pequeno livro chamado *O que é o contemporâneo?* que tem ritmo de fala, pois é resultado de uma aula. É bem gostoso de ler. De início ele pega rabeira na ideia de Roland Barthes de que “o contemporâneo é o intempestivo”. Barthes por sua vez roubou essa ideia de Nietzsche, de *Considerações intempestivas* (ou extemporâneas, em algumas traduções). A ideia é que o tempo atual é intempestivo porque existe um defeito do qual toda época se sente orgulhosa: sua cultura histórica. O ponto crítico do fenômeno: podemos cair numa tremenda investida historicista perversa quando tentamos identificar tendências a um certo período, sobretudo o contemporâneo. Podemos assumir que somos herdeiros de Duchamp ou de Andy Warhol, por exemplo, no sistema da arte contemporânea, mas sem que isso paralise feito um paradigma científico as práticas criativas de nosso tempo. É assumir que somos deste tempo, e não de outro tempo. E ao mesmo passo assumir certo afastamento deste tempo.

17 de janeiro de 2018

Duas imagens sobre acontecimento. É como sentir-se na segurança do cais estando numa tempestade em alto-mar. É como patinar muito rápido na finíssima camada de gelo de um lago congelado; se diminuir o ritmo, o gelo quebra. É preciso permanecer em velocidade para manter a segurança, a própria e a coletiva. Pois o solo congelado é o mesmo para todos nós. Com essas imagens a palavra acontecimento poderia ser aproximada a uma prática de deslocamento? Fluidez. Fluência.

22 de junho de 2019

Parece que quanto mais procuramos reconhecer estados de presença em nossas relações com as materialidades que compõem a espacialidade na qual nos inserimos, mais nos distanciamos do tempo presente, intempestivo. Incessante. O problema do acontecimento parece o mesmo da presença. E vice-versa. O que se passa agora? O que acontece agora? O que é o agora no contexto da minha prática de escrever e da prática de ler que fará deste texto um agente de outro acontecimento que não o da escrita? As questões têm como objeto o presente. Mais detidamente a captura de algo do presente que possa ser conhecido pelo corpo, e possível de distinguir de outros fenômenos da experiência sensível. Questões como essas fizeram parte da agenda de filósofos como do alemão Martin Heidegger, lembra Charles Feitosa em um

artigo (duplamente assinado por ele e por Renato Ferracini)¹ que em *Ser e Tempo*: "o dasein 1 se manifesta no seu ser-no-mundo essencialmente através de um constante distanciar-se". O que acontece aqui, agora, comporta a matéria do aqui? O que se estabelece aqui não são justamente as materialidades deste espaço no qual algo acontece? Um fundo branco com letras em preto. E o que acontece, acontece por que as linguagens mediam nossas relações com a espacialidade? O que acontece aqui comporta a matéria de um agora? Ou o que acontece agora é circunscrito aqui, nesta materialidade discursiva? Conseguimos mesmo "capturar" a presença? Conseguimos falar sobre ela?

23 de junho de 2019

Pelo bom senso comum é certo afirmar que o atual comporta certo elemento, reconhecível por nós, do presente. Uma diferença histórica, por exemplo. Somos desta época e não de outra. Somos deste tempo. E não de outro tempo. O que se pode perceber na leitura heideggeriana é que esse reconhecimento desatualiza a presença. O aqui e o agora são expressões de forças que já se instalaram e que continuam atuantes em nossas experiências; e o que nos tornamos, ou que estamos nos tornando, demanda um conflito aberto para o campo das possibilidades. Para o campo dos derives do mundo. Para Heidegger a experiência humana é a do ser-aí. Fazendo-se pelo olhar-se de fora >> >> >> Pelo uso, então, da palavra presença ou acontecimento?

26 de abril de 2018

Um acontecimento. Nasci no primeiro ano da segunda redemocratização do Brasil, 1985. Interior de São Paulo, Campos do Jordão. Primogênito entre dois irmãos que vieram nos anos 1990. Homem. Pardo. Deficiente físico, encurtamento congênito no membro inferior direito. Uma perna curta com relação a outra. Necessito usar uma órtese para me manter em pé e andar. Classe média, média. Estudei em escolas públicas até a universidade. Sou a primeira geração de minha família a ter curso superior. Pensei sobre isso no dia em que coleei grau. Me graduei em filosofia pela PUC de Campinas, por meio do ProUni, Programa Universidade para Todos. Fui da primeira turma de ProUni do Brasil. Ninguém sabia o que era. Eu sabia porque havia lido na internet. Havia lido na internet porque assisti a uma propaganda na TV. Fiz minha monografia sobre o estatuto da verdade na filosofia do britânico Thomas Hobbes. Estudei linguagem nas obras do filósofo político. Nos três anos seguintes após a formatura, lectionei em escolas públicas. De manhã para adolescentes e de noite para adultos, no formato EJA (Educação para Jovens e Adultos).

11 de fevereiro de 2017

Outro acontecimento. Parei de dar aulas para ser produtor de conteúdo cultural. Escrever, basicamente. Já escrevi muita coisa, mas nunca publiquei um livro. Preciso terminar alguns trabalhos incompletos, entre eles, dois documentários. Também estudei roteiro de cinema, e me dediquei a roteirizar

¹ A questão da presença na filosofia e nas artes cênicas, *Ouvirouver*, 13(1), 2017.

documentários. Deixo muitos trabalhos incompletos, preciso aprender a finalizar as demandas. No meu dia a dia busco maneiras de gerar empatia na comunicação de atividades culturais. Teatro, cinema, dança, exposições, debates. E então mergulho nessas estéticas, por prazer e necessidade. Assisto teatro, cinema, dança, exposições, debates. Converso com pessoas que influenciam a opinião pública, que são conselheiros de presidentiáveis. E tomo cerveja com desconhecidos da rua. Atraio os fodidos da rua, e me sinto bem com isso. Não tenho CNH. Sempre estou dentro de um ônibus, viajando. Ou de um avião. Já morei em São Paulo, Rio de Janeiro. E há dois meses me mudei para Campinas. Passei temporadas fora do Brasil, primeiro em Cuba, depois na Inglaterra e na Itália. Me sinto menos esperto do que meus amigos supõem que eu seja. Em geral não falo muito, escuto. E sinto que meus amigos não notam o quanto eu lhes escuto. Ou o quanto eles falam. Demoro séculos para responder o Whatsapp. Tenho bloqueio com inboxes. Me sinto velho e tenho fortes dores no joelho esquerdo. Nunca comprei um produto pela internet. Parei de usar cartão de crédito, micro-ondas e wi-fi em casa (edit 1º de julho: até aqui já comprei meias pela internet, e uso wi-fi há um ano e meio. E estadunidenses e chineses estão em plena guerra comercial por causa do uso da tecnologia 5G). Rio pouco e não gosto de ouvir minha voz em equipamentos eletrônicos. O psicotrópico mais forte que usei foi ayahuasca. Uma madrugada com generosas doses da bebida; Pindamonhangaba, 2010. Não tenho medo da morte, mas da dor. Da dor do fim. Gosto da palavra bípede. Me sinto um outsider; há qualquer coisa de horrível na realidade e eu não sei o que é. Tenho medo das pessoas, das coisas e às vezes das cores. O céu azul insuportável de Campinas me mata um pouco a cada dia. Diante do mapa do mundo, penso, há de haver algum lugar em que se fique bem.

2 de maio de 2019

Cerco. Hoje é quinta-feira, 2 de maio de 2019. 20h53. Acabei de ouvir *Horses*² em uma pequena caixa portátil de som, via Bluetooth. Um fenômeno contemporâneo à escrita deste texto. A caixa de som, o Bluetooth. Escrevo em Campinas, interior paulista. Desenvolvo uma pesquisa de mestrado sobre curadoria como ato performático, no Programa de Artes da Cena, do Instituto de Artes da Unicamp. Daqui a pouco tempo, completarei meus 100 primeiros dias como pesquisador neste irreconhecível ano de 2019, no qual cortes nas bolsas federais de estudos acabaram de ser anunciados pelo Ministro da Educação. Mas o contemporâneo é intempestivo, como sugerem Nietzsche, Barthes, Agamben. E Patti Smith. Se a ideia é óbvia: que somos deste tempo, e não de outro tempo; então pesquisar é assumir certo afastamento do tempo presente. Parece ser absolutamente necessário ser deste tempo e ao mesmo tempo distanciar-se dele para capturá-lo (a ele ou a mim, com sorte os dois simultaneamente) como fenômeno reconhecível. "Pesquisar é cercar algo e investigá-lo. É o que dizem os dicionários (...) Cercar algo com vistas a investigá-lo é similar à ação de cercar uma porção de terra para afirmar [sua] posse e a

² Da cantora estadunidense Patti Smith, 1972.

propriedade”³. O problema é compreender 3 o ponto de vista, o solo, o território a partir do qual se vê o cerco. Há momentos na pesquisa, sobretudo em seu início, em que o cerco não está claramente dado. Delineado. Não sei se conseguirei capturá-lo nestes quase 100 dias.

3 de maio de 2019

Se pensarmos que as práticas curatoriais sempre estão implicadas na demarcação de eventos cênicos nos quais as peças de um dado contexto nem sempre estão totalmente dispostas, ou claras para artistas e público, pensamos também quase que imediatamente, como Narciso no espelho, a face contraposta da mesma imagem: a curadoria (também) sempre está implicada em microrrelações de poder. Foucault já nos deu a dica: no nível da microfísica das relações, tudo é poder. As demarcações curatoriais legitimam o que entra em um contexto. Esse é um dos núcleos de maior tensão do fazer curatorial. Mas não é esse o centro do interesse desta pesquisa. O que move esta pesquisa até aqui, por enquanto, é o interesse pela margem. Trata-se de abordar a curadoria nos sentidos que sugerem Felipe Assis e Nirvana Marinho: como um conjunto de práticas de negociação. De mediação. De negociações de e nas fronteiras entre a cena e sua recepção, por exemplo; entre as linguagens e os modos de suas acessibilidades; entre a gestão de verbas e o realizar-se de uma mostra, festival ou programação de um espaço cênico; enfim, entre os diversos contextos estéticos e políticos imbricados no fenômeno curatorial atualmente. A curadoria como mediação: apreendida por esta pesquisa como uma rede que se conecta com os inúmeros fluxos produtivos e contra-produtivos que compõem hoje o complexo sistema da arte.

17 de abril de 2019

Uma ideia do estado de corpo de fronteira pode ser sugerida pela palavra êxtimo: neologismo criado por Lacan, inspirado em Freud, para indicar algo do sujeito que lhe é mais íntimo, mais singular. Mas que está de algum modo fora de si mesmo, no exterior. A palavra êxtimo porta as noções de interior e exterior acontecendo juntas. Uma palavra capaz de conjugar o fora e o dentro. É isso que se pode ler no artigo *Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos* (2014)⁴, das psicanalistas Gabriela de Freitas e Chediak e Daniela Scheinkman. O êxtimo é, lato sensu, entendido atualmente em português como o fenômeno estranho-familiar. Suely Rolnik em *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada* (2018) sugere 10 atitudes para uma contínua descolonização do inconsciente. Entre elas, destaco: desobstruir cada vez mais o acesso à tensa experiência do estranho-familiar.

17 de abril de 2016

Tempos duros para se pensar sobre o significado mais profundo do estar aqui. O olhar e a palavra perderam algo que um dia lhes foi dado? Alguém disse para eu me espiritualizar. Este é um tempo de silêncio, como nas missas

³ Experiência e história na pesquisa em artes, *Art Research Journal*, 1(1), 2014.

⁴ Caderno de Psicanálise (CPRJ), 36.

bizantinas. O contínuo silêncio das tardes de domingo, datas, retratos. E o súbito ocre da terra sobre os pisos. Em silêncio, tocar as coisas. Tocaram-me muitas tardes, com a leveza dos meninos alinhando os altares. Mesmo em casa, o perfume das igrejas, o odor da castidade antiga dos incensos. O ruído das contas do rosário corroendo pilares, cruzeiros, a capela do lado de fora. Gavetas fechadas, paciências guardadas, o grande limbo do lamento de pensar sobre o aqui e o agora.

1º de julho de 2019

Um dado contemporâneo. Escrevo em 1º de julho, uma segunda-feira, às 11h27. Estou trabalhando no fechamento deste texto. Até o fim do dia ele será considerado pronto. Agora, exatamente agora, neste adjunto adverbial de tempo, existem 70 milhões de refugiados no mundo. É a maior crise de pessoas atravessando fronteiras que a humanidade já enfrentou. Refugiado é a pessoa que clama por refúgio. Por um cerco para viver. Demarcado como seu. O sonho da Modernidade, que me ensinaram nos anos do bacharelado em filosofia, era criar uma grande comunidade de seres humanos que pudesse viver bem, com paz, comida, fraldas e cerveja. O Cogito abriu caminho para a aparecimento da individualidade no Ocidente, para a autonomia metodológica da Ciência, o Contrato Social abriu alas à Política, a Razão atestou nossa maioria, a Morte de Deus, a Dialética e o Materialismo Histórico. A Globalização. Mas a Modernidade ruiu pelos muros dos países. E o tempo anda mexendo com a gente. Descartes deveria ter vivido depois de Nietzsche, e antes de Freud. Hume e Hobbes deveriam ter estudado com os filósofos da linguagem do século 20, como J. L. Austin e Wittgenstein. Até Santo Agostinho deveria ter aparecido para um café da tarde com Hannah Arendt, em Haia, na Holanda, e ser convencido por ela a esquecer as culpas da sua vida anterior à conversão à Platão. Giordano Bruno e Galileu poderiam ter assistido uma montagem de Brecht ou de Beckett. Mas não foi o que aconteceu. A filosofia pode até ser mote dramaturgico, poético, nonsense, mas não é de citação em citação que se resgata o corpo que a mente tanto oprimiu. A felicidade, nos porões dos navios ou nos containers, têm sido uma arma quente. O petróleo em alto-mar está custoso. E então vivemos de ruína em ruína desde quando decidimos chamar de pós-moderno os anos a partir das últimas décadas de 1960 e 1970; o fim das grandes narrativas, na voz de Lyotard. Surgiu a neurociência, é verdade. Fotografamos um Buraco Negro: feito científico contemporâneo desta pesquisa. Sim, voltamos a olhar para cima e para dentro de nós, definitivamente sem Deus. O contemporâneo é uma transição; estado de corpos em transição? Uma espécie de grande margem, fissura. Metáfora viva do intempestivo na história. De um acontecimento dilatado na própria história, neste presente instante. Até quando?

28 de junho de 2019

Prendi os cabelos. Coquei. Abotoei a camisa e depois o colete. Pensei em usar o anel que perdi no último carnaval, quando saí de cigano pelas ruas da cidade do Rio. Me olhei no espelho, e perguntei para a imagem: na Torre de Babel, quando pediam uma tábuas, atiravam um tijolo baiano? Contradições. Queria estar em Caracas. Pegando fogo. Encho a xícara de café. Acendo um

cigarro. Olho a cidade pela janela do 12º andar da avenida central. Nada fácil testemunhar este mundo com tudo o que ele tem. De ruim. De bom. Às vezes o silêncio é muito mais conveniente do que a palavra e o movimento. Outra xícara de café, com leite desta vez. Barbara acordou e esquentou o leite. Mais um cigarro. Falamos um pouco. Fechei a porta do apartamento. Desci pelas escadas. Saída de emergência.

24 de maio de 2019

Seria possível uma mediação com as forças do dissenso e do consenso, oferecendo caminhos, condições e brechas, fissuras, para uma prática que ao legitimar contextos específicos evidencie também a sua contingência marginal? Trata-se de abordar o fenômeno da curadoria pelo ponto de vista da margem. Na própria margem. Que estado é esse em que as categorias são negociadas no entorno de suas fronteiras?

27 de maio de 2019

Editado em 1º de julho de 2019.

Estar à margem não significa obviamente estar fora de algum contexto demarcado. Nem presentemente dentro. Estar à margem é condição de estar na borda. De derivar pela borda. No contorno: onde ocorrem os agenciamentos dos nexos que permitem a criação de redes de relação. É lugar de passagem, evidentemente. De conflito, muitas vezes. De impermanência consentida. O território da margem é pisado por muitas pessoas, ou quando por poucas, há um vento forte ou uma maré alta que lhes borra as pegadas. A margem comporta rastros: dados de difícil captura e por isso mesmo de difícil documentação, mas amplamente reconhecíveis. Investigar modos de funcionamento de curadorias demanda uma captura de rastros? Como documentar no escopo de uma pesquisa acadêmica o que aconteceu ou supostamente acontece nas microrrelações de poder em um nanorecorte (o cerco) no modo como este pesquisador vive e compreende o sistema da arte contemporânea?

24 de junho de 2019

3h18 am. Da torneira. Pinga. Esta gota absurda.

24 de junho de 2019

22h53 pm. No texto *Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa* (tese de pós-doutorado, 1961, com edição brasileira de 2003), entre outros temas, Habermas escreve que a mediação entre forças produtivas no interior das sociedades modernas se dá sobretudo no uso das práticas e dos processos comunicativos. Outros autores também destacam esse fenômeno (de como a cultura é imbricada com as práticas e com os processos comunicativos), como a filósofa francesa Anne Cauquelin, em *Arte Contemporânea: uma introdução* (2005), que compreende a arte contemporânea como uma rede de forças discursivas. Seria uma boa escolha a aproximação do livro de Cauquelin com alguns de Foucault, nos quais ele escreve sobre o lugar do acontecimento em sua arqueologia do saber,

que justamente toma como objeto de pesquisa modos de compreender a produção de discursos?

29 de junho de 2019

A filosofia francesa contemporânea possui um delicioso gosto pelo événement Expressão que comporta em português e em francês os amplos sentidos tanto das palavras evento quanto acontecimento. Parece necessário também propor aproximações entre Guy Debord e Gilles Deleuze. Certamente alguém já o fez, mas é preciso, no interior desta pesquisa investigar o estado da arte sobre isso. De todo modo, para certa filosofia francesa contemporânea, a do événement (sobretudo a dos anos 1960, composta por nomes como Simone de Beauvoir, Sartre, Merleau-Ponty, Deleuze e Foucault), bastante influente no pensamento filosófico brasileiro, o sujeito, por exemplo, foi multiplicado. Por isso, essa filosofia é conhecida por alguns pesquisadores como filosofia da diferença (não somente por meio daqueles autores, mas fundamentalmente por causa deles). E a história, como é o caso em alguns tantos trabalhos de Foucault, valorizada justamente por se ver contemporaneamente livre da noção de continuidade teleológica. A história não tem mais um fim determinado. Um itinerário certo. Percurso definido. Fim, no sentido de finalidade. Um ponto a chegar. É neste contexto que esta pesquisa ainda deve aproximar o conceito de Deriva, de Debord, com o de Devir, de Deleuze e Guattari. Mas isso é vontade presentificada do pesquisador que a escreve. Talvez o impulso se perca nos fluxos da pesquisa, que é sobre os modos de funcionamento de curadorias em artes da cena. Na verdade, agora, no momento desta escrita, 30 de junho, 01h53 pm, penso que esta pesquisa começou como pesquisa sobre pesquisa em arte. O que é uma pesquisa em arte? Especialmente em artes da cena? Artes presenciais. Ou artes do acontecimento? E se mantém nesta larga demarcação, e experimentação. Querendo transpassar as próprias fronteiras. Mas o eu-pesquisador hesita, por hora. Permanece. Faz abrigo. Sabendo que deve produzir outros cercos, e que neles montará seu laboratório nômade. Sinto que os dias têm sido enormes no Brasil de 2019. Outro dia destes, li em uma carta antiga nos documentos de uma amiga: "querido pai, se não lhe escrevo mais é porque a luta tem sido grande. Te amo".

14 de novembro de 2017

Editado em 1º de julho de 2019.

O espaço do relato. Parece simples dizer que a história não é mais teleológica, quando parcela significativa dos pesquisadores em arte dispensa em seus trabalhos uma narrativa linear ou imediatamente compreensível. O que se oferece são pistas, indícios possíveis. Rastros que ajudam a criar uma "atmosfera", nas palavras de Jacopo Crivelli Visconti, no seu livro *Novas Derivas*. Na verdade, em seu comentário, Jacopo fala sobre a "produção artística contemporânea": e nela não está compreendida também a pesquisa em arte?

4 de julho de 2019

Esta pesquisa chegou ao seguinte resultado parcial: há ao menos uma ferramenta conceitual para começar uma investigação sobre curadoria. A que

aqui é experimentada. Ela tem a ver com este texto. Com o modo como ele tenta ser a materialidade de um acontecimento. Como é mesmo o nome dessa teoria?

1º de julho de 2019

23h46 pm. Clico, envio, saio. Dessa janela. Repito a operação, eternamente. Deixo-lhe digitar, obscuro que estou de todos os sentidos que apunham a palavra. Deixa-me (ao menos) ouvir sua voz, essa ilusão das formas de ocultar a si. O abismo de tocar-lhe nesse diálogozinho contemporâneo. Deixa-me tatear seu hálito, beirar a secra do teu corpo. Ambiguidades. Paradoxos. Evasões. Rastros. Numa hora qualquer, online, digitando, gravando áudio. What's up? Decidir dormir é um ato de pesquisa.